

**ECOLOGIA CULTURAL DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DO TORRES,
TRACUATEUA - PA**

**CULTURAL ECOLOGY OF THE QUILOMBOLA COMMUNITY OF TORRES,
TRACUATEUA - PA**

**ECOLOGIA CULTURAL DE LA COMUNIDAD QUILOMBOLA DE TORRES,
TRACUATEUA - PA**

Valeria dos Santos Moraes-Ornellas

Doutora

IECOS

UFPA, Brasil

vsmornellas@ufpa.br

Isabelle Lorrane Silva Santos

Lic. Biologia

UFPA, Brasil

isabellelorrane82@gmail.com

Marcus Emanuel Barroncas Fernandes

Doutor

UFPA, Brasil

mef@ufpa.br

RESUMO

Quilombos são associações de homens e mulheres descendentes de africanos, os quais fundaram essa estrutura sociocultural como resistência à escravidão do período colonial. A ecologia cultural, por permitir a elaboração de uma abordagem interdisciplinar em torno das relações entre as dimensões natural, simbólica e social humanas, possibilita a compreensão da cultura de tais associações usando uma perspectiva bastante abrangente. Sendo assim, através de critérios desse campo de investigação, o presente trabalho analisa a relação do ser humano com o meio ambiente na comunidade quilombola do Torres, Tracuateua — PA. Os dados foram coletados através de entrevistas guiadas por um questionário semiestruturado, aplicadas aos moradores mais antigos da comunidade, e submetidos à Análise Textual Discursiva e ao Software Iramuteq. Essas análises mostraram resultados complementares, percebendo-se que houve significativas transformações nos elementos da relação cultural da comunidade para com o meio ambiente — artesanato, caça, pesca, agricultura e extrativismo. Apesar do interesse dos moradores no fortalecimento da cultura local, nenhum trabalho está sendo realizado no quilombo com tal finalidade.

Palavras-chave: Etnodiversidade; Quilombos; Meio Ambiente e Sociedade.

ABSTRACT

Quilombos are associations of men and women of African descent, who founded this sociocultural structure as a form of resistance to slavery in the colonial period. Cultural ecology, by allowing the development of an interdisciplinary approach to the relationships among the natural, symbolic, and social human dimensions, enables the understanding of the culture of such associations from a very broad perspective. Thus, using the criteria of this field of investigation, the present work analyzes the relationship between human beings and the environment in the quilombola community of Torres, Tracuateua — PA. The data were collected through interviews guided by a semi-structured questionnaire, applied to older residents of the community, and submitted to a

Textual Discourse Analysis and to the Iramuteq Software. These analyzes showed complementary results, realizing that there were significant transformations in the elements of the community's cultural relationship with the environment — crafts, hunting, fishing, agriculture, and extractivism. Despite the residents' interest in strengthening the local culture, no work is being carried out in the community for this purpose.

Keywords: Ethnodiversity; Quilombos; Environment and Society.

RESUMEN

Los quilombos son asociaciones de hombres y mujeres afrodescendientes que fundaron esta estructura sociocultural como forma de resistencia a la esclavitud en el periodo colonial. La ecología cultural, al permitir la elaboración de un abordaje interdisciplinario de las relaciones entre las dimensiones natural, simbólica y social humanas, posibilita la comprensión de la cultura de tales asociaciones desde una perspectiva muy abarcadora. Así, utilizando los criterios de este campo de investigación, el presente trabajo analiza la relación entre los seres humanos y el medio ambiente en la comunidad quilombola de Torres, Tracuateua — PA. Los datos fueron recolectados a través de entrevistas guiadas por un cuestionario semiestructurado, aplicado a los ancianos residentes de la comunidad, y sometidos al Análisis Textual del Discurso y al Software Iramuteq. Estos análisis arrojaron resultados complementarios, percibiendo que hubo transformaciones significativas en los elementos de la relación cultural de la comunidad con el medio ambiente: artesanía, caza, pesca, agricultura y extractivismo. A pesar del interés de los residentes en fortalecer la cultura local, no se está realizando ningún trabajo en la comunidad con este fin.

Palabras clave: Etnodiversidad; Quilombos; Medio ambiente y sociedad.

INTRODUÇÃO

A palavra quilombo tem origem na língua umbundu (*kilombo*), a partir do modelo bantu, porém, com caráter transcultural. Ela se refere a uma associação de homens submetidos a rituais dramáticos de iniciação e integrados a um regimento de guerreiros nômades africanos, do qual o quilombo brasileiro seria uma cópia (MUNANGA, 1996). Esse mesmo autor afirma que tal estrutura teria sido reconstruída como forma de resistência que os escravizados encontraram de se opor ao regime escravocrata, organizando fugas das senzalas e plantações para ocuparem áreas de difícil acesso, de modo a estabelecerem um local seguro para os refugiados. Atualmente as comunidades quilombolas são grupos que representam a continuidade dessa luta, onde os negros têm um lugar seu, para que possam exercer sua cultura, sua fé e para que sejam livres nas suas decisões (GONÇALVES; SANTOS; BARBALHO, 2020).

Os quilombos no território brasileiro estão amparados pela Constituição Federal promulgada em 1988. O artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias

consagra às comunidades de quilombolas o direito à propriedade de suas terras: “aos remanescentes das comunidades de quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos” (BRASIL, 1988). Além do que, as terras quilombolas são reconhecidas, delimitadas e certificadas, conforme os procedimentos estabelecidos pelo Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003. Segundo o disposto, consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos “os grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto-atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida” (BRASIL, 2003).

O reconhecimento e a titulação de terras quilombolas podem ser tratados segundo princípios do direito étnico, por se referirem ao direito dos diferentes se organizarem, e sob a ótica da ação afirmativa, por favorecerem um grupo no sentido da inclusão (FERREIRA, 2010). Por isso, o reconhecimento territorial das comunidades quilombolas está além da garantia da terra. Ou seja, a territorialidade e identidade estão intimamente associadas, sendo a construção da identidade essencial para a compreensão do uso do território como palco, produto e condicionante do que se traduz como modo de vida, lembrança de coletividade e reforço à sensação de pertencimento (NAHUM; OLIVEIRA, 2013). Enfim, a identidade territorial quilombola é parte essencial da construção de uma dimensão política estratégica que interfere no estabelecimento dos remanescentes de quilombos como sujeitos políticos (MALCHER, 2010).

Compreende-se que a identidade entrelaça o sujeito ao contexto no qual está inserido, alinhando sentimentos subjetivos a lugares objetivos, os quais, no caso dos quilombolas, envolvem um passado comum de escravidão, lutas, fugas e constituição de quilombos (FURTADO; PEDROZA; ALVES, 2014). Isso acontece a partir do entrelaçamento do sujeito com o contexto, dentro do qual existe um processo de coevolução entre humanos e a natureza, sendo a paisagem fruto de uma história comum e interligada: a história humana e natural (DIEGUES, 2000). Nesse sentido, uma paisagem quilombola, descrita através do mapeamento de sítios arqueológicos da Ilha de Tinharé — BA, é composta por “fazendas, engenhos, casas, igrejas, povoados, trilhas,

rios, canais, áreas de pesca, roça, extrativismo, caça e assentamentos de escravos fugidos” (ALMEIDA, 2018, p. 45).

Visando explicar relações desse tipo, estudos sobre a coevolução mútua entre os ambientes que compõem a paisagem e as comunidades tradicionais deram origem à ecologia cultural. Porém, a literatura que analisa padrões ecológicos culturais de quilombos é muito escassa. O campo de investigação surgiu, na década de 1950, a partir dos trabalhos do antropólogo Julian Steward, como ramificação da Ecologia Humana (SUTTON; ANDERSON, 2010). Esse antropólogo considerou que a evolução é multilinear, pois: (1) ambientes análogos podem gerar adaptações também análogas; (2) adaptações não são estáticas, pois, se ajustam de acordo com as necessidades locais; e (3) as mudanças podem tornar semelhantes as culturas já existentes ou gerar outras completamente diferentes (STEWART, 1955). Isto sugere que o ser humano se adapta ao meio através de suas ferramentas culturais, o que leva às modificações do sistema ecológico em que vive e às adaptações das próprias ferramentas. No entanto, tal determinismo da ecologia cultural foi duramente criticado, especialmente devido à complexidade da dimensão simbólica humana.

Apesar de ter sido influenciado por Julian Steward, o antropólogo Marshall Sahlins defendeu a razão simbólica ou significativa, contrapondo-se à noção utilitarista, que percebe as relações humanas como sendo conformadas para: i) a maximização dos recursos e a satisfação das necessidades; ii) a cultura como derivada da atividade racional dos indivíduos na busca de interesses próprios (MONTI, 2019). A partir do que foi proposto por Sahlins (2003), a razão simbólica passou a ser mais bem compreendida como parte integrante do processo ecológico cultural que relaciona comunidades tradicionais ao seu meio, modificando-o, de modo a gerar coevolução recíproca. Como resultado disso, ao analisar a influência de processos de ensino e de aprendizagem formal sobre comunidades indígenas da Amazônia, já foram descritas transformações culturais que empobrecem a etnobioidiversidade, causando, por exemplo, a depleção de populações de porcos-do-mato (MORAES-ORNELLAS, 2020).

De forma semelhante, o cultivo de alimentos, a criação de animais domésticos para subsistência e o artesanato de barro perderam espaço para a cultura de consumo em uma comunidade quilombola de Santa Luzia — PA. “A preferência por comer alimentos

enlatados, o desaparecimento dos animais de caça, a diminuição das populações de peixes do rio e o acúmulo de sacolas plásticas” são também consequências relatadas como negativas pelos moradores mais antigos da comunidade (PEREIRA; MORAES-ORNELLAS, 2022, p. 107). Tais consequências têm origens em um processo cultural que trouxe para o meio deles valores excludentes de suas tradições originais. Levantou-se então como problema da pesquisa se seria possível, a partir de experiências antecedentes em comunidades quilombolas do Pará, estabelecer processos analíticos de dados que contribuam com a compreensão das interações ecológicas culturais que fazem elos com as adaptações a um meio em transformação. Porém, de maneira que os resultados de tais análises possam subsidiar o protagonismo quilombola. Partindo de tal questão, definiram-se como objetivos a serem alcançados pelo presente trabalho: comparar dois métodos de análise de dados ecológicos culturais; analisar a relação do ser humano com o meio em que habita, caracterizando uma comunidade quilombola; e unir informações que possam ser usadas para fortalecer tal identidade cultural. O trabalho pretende fortalecer o referencial teórico e metodológico que lhe deu origem, abrindo espaço para o estabelecimento de ações participativas que possam contribuir com a valorização da identidade e do território quilombolas.

MATERIAL E MÉTODOS

Área de estudo

A comunidade quilombola do Torres está localizada na região norte do município de Tracuateua-PA. O município abriga formações litorâneas, como praias, dunas, restingas, manguezais e campos naturais, estando estes últimos inundados na estação chuvosa e ressecados na estação seca, além de serem caracterizados por vegetação esparsa arbóreo-arbustiva (AVIZ *et al.*, 2013). A paisagem é recortada por rios e igarapés, os quais cortam tanto o município quanto as cidades vizinhas — Bragança, Santa Luzia, Ourém, Quatipuru, Primavera e Capanema. O acesso à comunidade dá-se por uma estrada com pavimento de piçarra e sem sinalização, cujo trajeto atravessa extensas áreas de pastagens de fazendas.

O município de Tracuateua tem sua origem ligada à construção da ferrovia Belém-Bragança, inaugurada em 1908 (AVIZ; PINHEIRO, 2013), tendo sido colonizado

inicialmente por negros refugiados, remanescentes das fazendas próximas ou vindos de lugares distantes, além de indígenas Cariambás (REIS, 2020). Houve também o estabelecimento de comunidades rurais no município, a partir da vinda de trabalhadores nordestinos, que não tinham para aonde ir após a construção da estrada de ferro (AVIZ *et al.*, 2013). Nas áreas rurais, predomina a pecuária, com a criação bovina, equina e bubalina, assim como a produção agrícola, com cultivos principalmente de feijão, mandioca e milho, dentre outros (AVIZ; PINHEIRO, 2013).

Apesar de o histórico da fundação da cidade estar ligado a povos remanescentes de quilombos e à existência de comunidades quilombolas nas áreas rurais do município (Cigano, Campo Novo, Jurussaca, dentre outras), a comunidade do Torres foi certificada como remanescente de quilombo pela Fundação Cultural Palmares apenas em 2017, por procedimentos regulamentados através do Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003. Atualmente, segundo informações de um ex-líder da comunidade, ela é habitada por aproximadamente 80 moradores. A maioria deles vive de aposentadoria ou outros benefícios do governo, aliado a atividades de subsistência, principalmente agricultura familiar e pesca. A criação bovina, equina e bubalina e o aterramento para estradas e moradias são também considerados causas da degradação dos campos naturais da região (AVIZ; PINHEIRO, 2013).

Coleta e Análise de Dados

A metodologia tem um caráter descritivo e exploratório, baseado na Etno-história e, para isso, os dados sobre a história e a cultura da comunidade foram coletados a partir de relatos orais dos moradores através de entrevistas com formulários semiestruturados (SANTOS, 2020). Houve a participação de cinco dos moradores mais antigos da comunidade, com idades entre 62 a 83 anos, os quais foram indicados por um morador local. As perguntas do formulário, que serviram como base para as entrevistas, foram adaptadas para atender o objeto do presente estudo e divididas em sete categorias: (1) histórico; (2) religiosidade; (3) plantas medicinais; (4) percepção de mudanças da natureza; (5) caça; (6) pesca e (7) projeções futuras (PEREIRA; MORAES-ORNELLAS, 2022).

As entrevistas foram realizadas em dias diferentes. No dia 10 de dezembro de 2021 foram entrevistados os participantes identificados como Respondente-1, Respondente-2 e Respondente-3, ao passo que no dia 15 de janeiro de 2022 foram realizadas as entrevistas com o Respondente-4 e o Respondente-5. Cada entrevista teve duração média de 1 hora e todos os diálogos foram gravados com a autorização dos respondentes. Todos eles tiveram a liberdade de falar sobre as lembranças acerca de cada categoria determinada no questionário. A entrevistadora pode fazer perguntas além das que constavam no questionário semiestruturado de modo a esclarecer cada aspecto da cultura, ou objetos mencionados, uma vez que ela não pertence à região. Posteriormente, as entrevistas foram escutadas e transcritas.

Para tratamento e análise do material transcrito procedeu-se de duas maneiras. A análise clássica da ecologia cultural foi desenvolvida por seleção de informações que se enquadram em uma das seguintes categorias: i) elementos da cultura, tecnologias de exploração de recursos e/ou produção que tenham como meio o ambiente local; ii) padrões de comportamento que fazem parte da relação com o meio; iii) consequências dos padrões comportamentais sobre outros aspectos da cultura (NEVES, 2002; SANTOS, 2020). Para o enquadramento, os resultados das entrevistas foram submetidos à ATD — Análise Textual Discursiva. Na ATD, o *corpus*, que contém as informações das entrevistas, é desconstruído em unidades. Em um segundo momento, ocorre a reconstrução, ou seja, a classificação e agregação das unidades de acordo com critérios pré-estabelecidos, organizando o material em categorias (BEHLING, 2018). As categorias são as comumente adotadas pela ecologia cultural acima mencionadas.

Para a segunda análise foi utilizado o *software* Iramuteq para o tratamento dos dados, quando foi empregado o método de Classificação Hierárquica Descendente (CHD), o qual foi apresentado por Max Reinert, em 1990 (CAMARGO; JUSTO, 2013). O método guia a análise com base estatística a partir do teste do Qui-Quadrado (χ^2) com nível de significância de 95%, que classifica Segmentos de Texto (ST) em Unidades de Contexto Elementares (UCE) a partir do material preparado pelo pesquisador. Esses segmentos são agrupados de acordo com a proximidade léxica entre os discursos e a diferença entre as UCE de outras classes (CAMARGO; JUSTO, 2013), sendo que cada agrupamento é determinado como classe. A representação hierárquica das classes

derivadas da proximidade lexicográfica permite que a análise do texto seja realizada de maneira a ser possível inferir as ideias principais que ele transmite (SALVIATI, 2017)

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nove inter cruzamentos entre três categorias ecológico-culturais foram identificados (Quadro 1). Pode-se perceber que a memória biocultural está enfraquecida em diversos aspectos. Remontando o histórico da comunidade, os respondentes revelam que as mudanças se devem principalmente às interferências de pessoas externas a ela, que tomam cargos de liderança e, por não estarem alinhadas com o modo de vida do quilombo, não consideram o que representa a identidade quilombola para os moradores, como afirma um dos respondentes:

“Nada da comunidade hoje aqui no Torres, nada tem tratamento nenhum especificamente como quilombola, não tem, entendeu? tá tudo errado! (...) Esse povo que tão na frente da associação hoje não são daqui da comunidade (...). Tem até um rapaz que hoje tá na frente como presidente, que ele nem é daqui do Torres.”
(Respondente-1).

Ao considerar-se a importância da dinâmica de trocas, partilha e solidariedade para a manutenção tanto material, quanto simbólica de elos de luta, detectada por Miranda (2015) em comunidades quilombolas, é facilmente compreensível o desânimo dos moradores e o enfraquecimento da memória biocultural. Ambos são consequências sobre a cultura de, respectivamente, professores não alinhados com as necessidades de uma escola quilombola diferenciada para a comunidade e a liderança do quilombo por pessoas externas a ele. Estes dois elementos da relação da cultura com o meio resultam em padrões culturais caracterizados por uma educação formal não quilombola e por falta de cuidados para com as tradições. Isso está em conformidade com o que se reconhece na biologia em torno do fato que “um sistema vivo não possui outro meio ambiente se não o mundo que ele próprio especifica. Assim, seria ele mesmo a origem das pressões seletivas que podem atuar sobre a variabilidade das propriedades que o definem” (DUBOIS *et al.*, 2021, p. 584).

Quadro 1: Cruzamento de informações, sistematizadas de acordo com procedimentos analíticos da Ecologia Cultural, obtidas na comunidade quilombola do Torres, Tracuateua – PA.

Elementos cultura/meio	Padrões comportamentais	Consequências sobre a cultura
Decisões políticas e indicações de professores não alinhadas com as necessidades da comunidade por uma educação diferenciada.	Educação formal não quilombola com educadores externos.	Desânimo dos moradores.
Pessoas externas à comunidade assumiram posições de liderança na associação, inclusive por terem casado com moradores originais.	Por serem externas à comunidade, aquelas pessoas não cuidaram das tradições.	Acabaram as festas tradicionais e a memória biocultural enfraqueceu.
Faziam artesanato com barro, extraído do rio, amassado e queimado no fogo depois de seco. Usavam taicica (jutaicica) para dar brilho. Faziam louças, panelas.	Apenas algumas das mulheres mais velhas ainda fazem.	Poucas peças guardadas com apreço.
Tinha muita árvore. Tinha bacaba, muruti, açai. O campo era serrado, tinha jacaré, jabuti, peixes.	Botaram fogo, derrubaram. Fizeram pasto para criar gado e vender. Criaram búfalo no campo.	Ficou muito quente. O murutizal acabou, tudo acabou. O que tem de açai foi plantado. O que era da natureza acabou.
Havia extrativismo de frutos (como caju, muruti, açai, babaçu, bacaba) e de caranguejo e marisco.	Houve desmatamento, o rio foi secando, a prefeitura não controlou.	“O sol esquenta, a terra cresce e a água some” (Respondente-1).
Havia muita caça (como paca, tatu, macaco e preguiça) e usavam banha de jiboia e de traíra como remédio.	Não tem mais alimento para os animais, como macaco, tatu, paca.	Moradores criam animais para comer, como galinhas e búfalos.
Pescavam muito, de socó, tarrafa, anzol, espinhel, passando a noite no campo para pescar (8 ou 10 dias, segundo Respondente-3). No tempo da piracema, pescavam para vender.	Inventaram moto, celular, ninguém quer mais pescar. Aterraram, jogaram veneno, lixo.	Roubam rede, espinhel, tudo que deixar no rio; e tem muito pato-mergulhão comendo os peixes. Alguns ainda pescam, extraíndo inclusive caranguejo do manguezal.
Faziam mutirão para plantar maniva, feijão e um pouco de milho. Todos plantavam e era	A população está ficando velha e os	Quase não se planta mais, as pessoas se endividam para comprar tudo na

só para consumo, exceto o tabaco e a malva. Não precisava ir à feira. Mas, alguns vendiam certos itens e compravam outros fora.	jovens estão saindo. As famílias trabalham fora.	“sede”. Mas, há os que preferem plantar ainda (como Respondente-2 e Respondente-3).
Usavam as plantas medicinais para tudo, pois nem tinha como ir ao hospital.	Hoje é mais na farmácia e no hospital. As pessoas não plantam mais as ervas, com algumas exceções (como Respondente-4).	As pessoas perderam a fé nas plantas medicinais. Mas, há os que ainda preferem tudo natural.

Tal premissa pode explicar a emergência de certos comportamentos e de processos de reforço de atos ligados às consequências das inovações. Um caso em que esse mecanismo fica evidente é o do quase desaparecimento do processo de fabricação de louças e panelas, abaixo descrito pelos respondentes (Figura 1).

“A gente tira o barro, a gente amassa com o carité lá de Bragança, e cabando... vai tirar o barro lá no rio, vem, amassa e aí transforma nisso, depois de seco a gente bota no fogo e queima. Pode botar no fogo e ferver.” (Respondente-2).

“A gente usa taicica pra dar brilho, é tipo uma pedra, a gente bota no fogo, a gente limpa ele todinho, bota no fogo, amolece, aí pega e enrola e aí faz o polimento, é por isso que o artesanato é bonito, porque é feito com a mão. Não pode tá muito quente, nem muito frio quando passa a taicica que ela cola e seca, o nome dela é jutaicica, nós que chamamo de taicica.” (Respondente-5).

Taicica é uma resina exsudada do tronco de árvores do gênero *Hymenaea* (Fabaceae), a partir de uma injúria que cause exposição do tecido vivo da planta, a qual já foi utilizada em escala comercial no Brasil e/ou exportada para a Europa, como matéria-prima para fabricação de vernizes (CORRÊA, 2015). Ela inclusive já representou significativo componente da economia do estado do Pará, tornando-se a fonte mais importante do produto no Brasil (CORRÊA *et al.*, 2022). Seu uso tradicional, como na comunidade quilombola do Torres, tem por finalidade a impermeabilização de superfícies das peças de barro.

Figura 1: Objetos ligados ao artesanato de barro – (A) louças (panelas, tigelas e xícara), (B) material usado para moldar o barro durante a fabricação das peças (acima à direita), (C) taicica (jutaicica) usado no processo final de fabricação, para dar brilho às (D) louças (abaixo à esquerda).



Fonte: Isabelle L. S. Santos (2022).

A quase extinção de tal uso e da confecção artesanal de utensílios de cozinha surge da inversão do padrão de produção de louças, cujos registros indicam ter havido desde a economia doméstica dos africanos nas senzalas (AZEVEDO, 2019). Essa autora também propõe que morfologias cerâmicas diversificadas produzidas localmente indicavam a facilidade do acesso à matéria-prima, enquanto potes menores e mais toscos poderiam ser indicativos de um processo de aprendizagem da confecção de tais artefatos. Ademais, sugere-se que descendentes de escravos africanos e colonos tenham se apropriado de técnicas cerâmicas indígenas, dando origem à fabricação artesanal de panelas de barro das paneleiras de Goiabeiras — ES, o que se tornou um meio de vida reconhecido e registrado como ofício pelo IPHAN — Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (VIANA-JUNIOR; BRAGA, 2017).

Uma transformação cultural desse tipo pode significar, portanto, a extinção de um possível meio de vida ou ofício, que poderia gerar renda para algumas famílias. Algo semelhante também aconteceu com o extrativismo de produtos florestais não madeireiros

no quilombo do Torres. Fazendeiros que se instalaram na região ameaçam a flora e fauna local, desmatando a floresta, queimando o campo e abrindo espaço para a pecuária e o agronegócio. Isso causa as consequências mencionadas por Mello e Feitosa (2020), como: perda de produtividade por compactação do solo, mudança do ciclo hidrológico, redução da biodiversidade e desequilíbrio ecológico. À medida que os arredores da comunidade foram ocupados por fazendas, áreas maiores ficaram cada vez mais expostas (Tabela 1, Figura 2). Houve a constatação por parte dos moradores de que o ambiente ficou cada vez mais quente, por falta da cobertura vegetal e da remoção de espécies que mantêm a umidade no solo, como o muruti, o açaí e o caranã, principalmente. Pois:

“Quando você fala em desmatção, a terra cresce, a água some, são logo os primeiros fatores que afetam a natureza. O sol esquenta mais, a terra cresce e a água, some.” (Respondente-1).

Os moradores relatam que, no seu território, tinha muita árvore, extrativismo e caça. Hoje, a manutenção das espécies vegetais que foram removidas é feita pelos próprios moradores através do plantio (Figura 3). A principal espécie plantada é o açaí, que faz parte da cultura alimentar local. Aliás, em muitas comunidades amazônicas, o açaí (*Euterpe oleracea* M.) tem grande importância sociocultural, sendo uma das bases da economia e centro da dinâmica da territorialidade ribeirinha (CHAVES *et al.*, 2015; FARIAS; BRITO, 2022). No entanto, no quilombo do Torres, apesar de ser associada ao histórico da comunidade, o extrativismo não se mantém como principal atividade de subsistência, dando espaço para a agricultura e a criação de aves e gado. Os moradores contam que tinha muita árvore, inclusive açazal, mas, com o padrão comportamental em mudança, botaram fogo e derrubaram as árvores, o que gerou como consequência sobre a cultura a percepção de aumento do calor e o plantio de açazais (Tabela 1).

Figura 2: Área de campo aberta, desmatada por fazendeiros locais.



Fonte: Isabelle L. S. Santos (2021).

Figura 3: Mudanças de açaí nos terrenos de dois dos entrevistados.



Fonte: Isabelle L. S. Santos (2021).

A caça era realizada pelos indivíduos mais antigos, com preferência por espécies de mamíferos destinadas à alimentação familiar, sendo hoje a atividade de subsistência menos praticada pelos moradores. O desmatamento e as queimadas tiveram forte influência na redução e desaparecimento da maioria das espécies de caça, o que vem sendo reportado para a região amazônica, em geral (CARMO; CARMO, 2019). A destruição do *habitat* teve por consequência a falta de alimento para a fauna silvestre, o que impediu a permanência de alguns animais na região. Relatos mencionam ainda recentes invasões noturnas aos terrenos pertencentes aos moradores da comunidade para a captura ilegal. Trata-se de um manejo inadequado, pois, quando a caça é feita com bases sustentáveis para algumas comunidades tradicionais da Amazônia, espécies mais sensíveis à alta intensidade de caça são substituídas temporariamente por outras com maior potencial

reprodutivo e abundância, até que as primeiras possam ser caçadas novamente (REIS *et al.*, 2022).

O enfraquecimento de tal elemento da cultura, que tem como meio o ambiente local, levou à introdução de animais domésticos, como galinha, porco, búfalo e outros no território quilombola (Figura 4). Por outro lado, a pesca artesanal continua a existir. Tradicionalmente, a pesca era realizada por homens, apesar de algumas mulheres também saberem pescar. Todo o material usado — destacado na Tabela 1 — era artesanal, feito pelos próprios moradores. A tarrafa, por exemplo, apresenta-se como o objeto de maior utilização pelos mais antigos. Os peixes capturados eram principalmente de água doce — traíra, jacundá, piaba e outras — mas a ictiofauna dos rios próximos à comunidade também enfrenta um processo de substituição de espécies percebido pelos moradores:

“Agora tá com uns 15 ou 20 anos, surgiu outras espécies de peixe pra cá, mas não é daqui esses peixe, não.” (Respondente-5).

“Agora chegou o forró-bicudo, que é uma espécie de peixe de cruzação com tilápia, né? Aí, chegou a paraopeba, que é o tirapeba, que é o tipo de uma piaba, redondinho, que dá que só a desgranha.” (Respondente-1).

O ciclo da chuva tem forte influência sobre essa prática, pois, quando inicia o período chuvoso, a área de campo fica alagada, facilitando o acesso dos moradores às outras regiões. Os moradores então se deslocam de canoas até às praias mais próximas para coletar peixe de água salgada e catar (extrair) caranguejo. Além do que, quando inicia o período chuvoso, algumas espécies de peixes realizam o fenômeno da piracema, deslocando-se contra a corrente até às áreas adequadas para reprodução. Durante o período, ocorre o defeso, assim como tem sido mencionado para outras regiões do estado do Pará, como no rio Tapajós (ZACARDI *et al.*, 2014).

Os moradores também associam a redução da pesca ao aparecimento recente de populações do pato-mergulhão (Tabela 1). De acordo com eles, a grande abundância de patos, que mergulham e pescam para se alimentar afetou a quantidade de peixes, reduzindo o estoque disponível para a comunidade, como informa um dos respondentes:

“Nós tamo enfrentando um ato muito sério aí, na beira do rio, aí, porque chegou tanto pato mergulhão que eles come os peixe todinho, não deixa mais um peixe se criar, ninguém sabe daonde veio, é bandos e bandos de pato”. (Respondente-1).

Tal percepção é aqui compreendida como consequência de mudanças nos padrões culturais sobre outros aspectos da cultura por, provavelmente, ter sido derivado da degradação ambiental descrita pelos próprios moradores. A denominação pato-mergulhão deve se referir à espécie *Phalacrocorax brasilianus* (Gmelin), ave aquática gregária que é muito comum no norte do Brasil, tanto em águas interiores quanto litorâneas (SILVA *et al.*, 2014).

A agricultura também sofreu transformações, já que, segundo os relatos, a comunidade toda costumava plantar. No entanto, os jovens estão preferindo sair para trabalhar fora e quase não se planta mais, salvo algumas exceções (Tabela 1, Figura 5). A facilidade de comunicação e locomoção da comunidade até a feira mais próxima tornou-se mais interessante que o esforço de buscar pelo alimento no meio natural, como relata o morador:

“A maior parte das família hoje aqui recebe 1 salário, 2 salário, que quase toda família tem um aposentado no meio, né? E aí vai lá na sede e traz a comida, se endivida, mas traz. Então é melhor você ir logo de manhã pegar o seu dinheirinho e ficar por ali... é melhor comprar do que passar a noite lá no campo.”
(Respondente-1).

Constata-se, portanto, que a comunidade está em processo de transição nutricional, assim como já foi descrito para as comunidades de ribeirinhos, nas quais principalmente os homens adultos buscam ansiosamente por trabalho assalariado (PIPERATA, 2007). Eles assim o fazem por associarem empregos com uma vida mais moderna e com maiores facilidades de aquisição de bens. Essa transição alimentar e nutricional está ligada às mudanças econômicas, sociais, demográficas e de saúde coletiva, envolvendo o incentivo ao consumo de produtos industrializados (NAVAS *et al.*, 2015). No caso específico do quilombo do Torres, as culturas do fumo e da malva contribuíram por muito tempo para a economia da comunidade, pois, consistiam em produtos comercializados pela população.

No entanto, programas de renda do governo federal (como Bolsa Família) e aposentadoria para idosos, além dos empregos gerados pela urbanização na região do município de Tracuateua, supriram a necessidade econômica das famílias de outras maneiras. Muitos moradores preferiram sair do quilombo para trabalhar, por sentirem que o que lhes é suprido apenas pela comunidade não seja suficiente. De maneira similar, os

mais jovens buscam estudar em escolas distantes da comunidade. Esse êxodo de parte da população mais jovem, somado à baixa taxa de natalidade, traz como consequência o envelhecimento populacional, mencionado pelo Respondente-1. Outra consequência é o enfraquecimento da memória biocultural, o que causa a perda de elos com as formas de produção alimentar tradicional e com as interações ecológicas para com o meio natural, além de ruptura para com os laços socioculturais com a comunidade de pertencimento. Resultados semelhantes foram encontrados no quilombo de Jacarequara, em Santa Luzia do Pará, indicando a possível existência de um padrão ecológico-cultural quilombola regional (PEREIRA; MORAES-ORNELLAS, 2022).

Figura 4: Búfalos criados no campo por moradores locais.



Fonte: Isabelle L. S. Santos (2021).

Figura 5: Produção de farinha e plantação de mandioca.



Fonte: Isabelle L. S. Santos (2021).

Dentro de tal padrão, as tradições de plantar e de usar plantas medicinais ainda são preservadas pelos mais velhos, mas pouco usadas em tratamentos de doenças. As

peças não plantam mais as ervas, com algumas exceções, preferindo comprar remédios nas farmácias e se tratar em hospitais. Com o desânimo dos moradores, o enfraquecimento da memória biocultural e o processo de transição nutricional, perderam-se também os saberes etnobotânicos, os quais em comunidades quilombolas são pautados na oralidade (PEREIRA; COELHO-FERREIRA, 2017). A proximidade às áreas urbanizadas de Tracuateua também deve ter influenciado na preferência pelas farmácias e hospitais na comunidade do Torres, pois, em quilombos distantes de unidades de saúde, pouco influenciados por mídias como a televisão, o conhecimento sobre as plantas e seu uso medicinal se perpetuam (BARBOZA-DA-SILVA *et al.*, 2012).

Os resultados do tratamento dos dados gerados pelo Iramuteq indicam alguns dos elementos ecológicos culturais evidenciados pela ATD. O *corpus* textual ficou dividido em 503 segmentos, a partir dos quais, 427 (84,89%) foram aproveitados para a formação de seis classes de UCE. As palavras adicionadas a cada classe na Tabela 2 são aquelas em que o valor de χ^2 ($p < 0,05$) indica que elas estão mais fortemente ligadas às suas respectivas classes. De maneira geral, as seis classes geradas enfatizam nas falas dos entrevistados as seguintes palavras: “peixe”, “pescar” e “plantar”. Os dois primeiros estão na classe “aspectos significativos da pesca” e o último em “aspectos significativos da agricultura”, ambas as classes estão associadas na repartição “principais atividades de subsistência”. Na agricultura chama atenção também as palavras “feijão”, “mandioca” e “tabaco”.

Quadro 2 – Dendrograma resultante da Classificação Hierárquica Descendente (CHD) do *corpus* textual, Bragança – PA.

Repartição	Classe	Palavra	χ^2	%
Dinâmica percebida e esperada da comunidade	1- Agentes de mudança para a promoção de melhorias na comunidade	Pessoa	78,73	65,52
		Querer	37,74	45,71
		Interessar	34,39	85,71
		Ajudar	28,69	75,00
		Educação	27,89	100,00
		Aprender	23,30	53,33
		Melhorar	20,78	80,00
	2- Dinâmica familiar	Barro	35,16	90,91
		Mãe	34,93	76,47
		Filho	26,32	54,55
		Casa	25,07	60,87
		Pai	20,92	66,67

		Criar	19,56	53,85
Principais atividades de subsistência	3- Aspectos significativos da agricultura	Plantar	116,47	83,78
		Feijão	67,78	80,00
		Mandioca	59,99	100,00
		Tabaco	55,24	100,00
		Comer	49,36	67,86
	Agricultura	41,14	100,00	
	4- Aspectos significativos da pesca	Peixe	158,75	90,91
		Pescar	140,03	87,50
		Malhadeira	39,63	100,00
		Água	36,91	68,75
Tarrafa		33,89	100,00	
Encher	33,89	100,00		
Dinâmica da natureza influenciada pela comunidade	5- Degradação ambiental	Rio	73,31	67,65
		Acabar	40,40	50,00
		Mata	26,27	77,78
		Fundo	25,89	85,71
		Secar	21,32	100,00
natureza	12,55	50,00		
Dinâmica de formação dos aspectos culturais gerais da comunidade	6- Memórias acerca do surgimento da comunidade	Igreja	45,63	85,71
		Comunidade do Torres	41,51	66,67
		Católico	31,76	88,89
		Associação	31,63	81,82
		Começar	29,50	68,75
		Pandemia	23,37	100,00

Ao analisar as palavras mais associadas à cada uma das outras quatro classes, a palavra “pessoa” sobressai na classe “agentes de mudança para a promoção de melhorias na comunidade” e, de forma minoritária, “querer” e “interessar”. As palavras “barro” e “mãe” são as mais importantes da classe “dinâmica familiar”. Nas classes “degradação ambiental” e “memórias acerca do surgimento da comunidade” são respectivamente mais significativas as palavras “rio” e “igreja”. Percebe-se que, na análise lexical, não há uma sensibilidade do *software* que permita que se detectem os intercruzamentos das categorias analíticas mais clássicas da Ecologia Cultural. No entanto, o dendrograma das classes mostra o que as falas dos moradores da comunidade enfatizam. Nas suas falas são dadas ênfase às atividades de subsistência, o que se deve, no entanto, à natureza das entrevistas realizadas, voltadas a uma análise ecológico-cultural da comunidade.

Na classe “agentes de mudança para promoção de melhorias na comunidade” aparecem palavras complementares aos resultados da ATD. A menção às palavras

“querer” e “interessar” vem de encontro com preocupações de moradores que constituem a classe “degradação ambiental”. Trata-se de questões associadas à necessidade de haver um despertar para o lugar e de pertencimento por parte dos moradores do quilombo. Pois, pertencer na relação com o lugar, “traz um sentido de via de mão dupla, o duplo sentido do pertencer a algum lugar e de senti-lo com sendo seu” (HARTMANN; MOTA, 2020, p. 442). O pertencimento a um lugar é importante para a percepção primária da verdade concreta na qual o corpo se encontra, bem como para a revalorização da localidade e do conhecimento local (GRUN, 2008). Na ausência dele pode haver atitudes de não pertencimento, as quais não promovem melhorias na comunidade, como narrado por um dos respondentes:

“Tem um amigo aí, um vizinho, esta noite eu tive aqui pra dar uma ajuda pra ele pra reescavar o rio, aí ele já teve um monte de colega dele que ‘Ei rapaz, isso aí é problema da prefeitura, prefeitura que vai fazer’, aí fica-se aquela dúvida, nem a população faz, nem a prefeitura, e a doença continua crescendo, que justamente é secando o rio.” Respondente-1.

O sentido de pertencimento ao lugar é fundamental para a luta coletiva pelo território e pela identidade em populações e comunidades tradicionais. Em virtude da degradação ambiental que está sendo vivenciada no quilombo do Torres, a percepção que mais preocupa os moradores é a da mudança no ciclo natural dos rios que os circundam. Por esse motivo, na repartição referente à “dinâmica da natureza influenciada pela comunidade”, aparece a ênfase sobre as palavras “acabar”, “fundo” e “secar”, o que está explícito no relato abaixo:

“Mas aqui tinha uma mata grande desse lado, desse lado pra cá não tem mais mato, roçaram tudo, acabaram com a natureza, o rio. Esse rio grande que tinha aqui, ele não secava, o outro rio d’aculá até que secava, agora ele não secou mais. Tá com 33 ano que ele não secou mais e esse aqui, como acabaram com o mato abeirando o rio, secou, secou, mas ele não secava não, era o tempo todo cheio.” Respondente-5.

Há nitidamente uma consciência da necessidade de haver ação coletiva de autoidentificação com o lugar e valorização da identidade quilombola, dentro do que, os sistemas de crenças e outros aspectos das subjetividades originais poderiam ter importante função. Os contextos ecológicos culturais indígenas, quilombolas e de outras comunidades tradicionais da Amazônia são ricos em saberes, práticas e sistemas de crenças (MORAES-ORNELLAS, 2022). No entanto, a própria transformação da cultura

religiosa, que aparece nas palavras que caracterizam a classe “memórias acerca do surgimento da comunidade”, sugere a mudança da raiz cultural africana para a europeia, abaixo comentada:

“A comunidade surgiu assim (...) aí eles foro fazendo uma turma, todo ano eles ia virar terra, aí fazio a festa da Nossa Senhora do Nazaré, aí não tinha, pedia pros outro, aí seu Cezário, dono da’culá, foi em Bragança, em Belém, eles queriam Nossa Senhora do Nazaré pra dentro da Comunidade do Torre, assim que surgiu, aí eles ficaro trabalhando.” Respondente-2.

Atualmente, os membros da comunidade do Torres dividem-se entre religião católica e protestante. Tal divisão fez com que as tradições e festejos do Catolicismo, como o Círio, que era comemorado na comunidade, aos poucos, venham sendo deixados de lado. Reconhece-se que a religião consolida laços sociais (PORTUGUEZ, 2015), os quais, em comunidades pequenas podem ser perdidos e/ou transformados ao longo do tempo (BOYD; RICHERDSON, 1985). Assim, os moradores acreditam que a pandemia da COVID-19 contribuiu para mudanças na cultura religiosa local, impossibilitando que as manifestações religiosas continuassem nos dois anos que antecederam à realização da pesquisa de campo que deu origem ao presente trabalho, como comenta um dos respondentes:

“Tudo isso aí era comemorado, aí com dois ano, três ano, quando começou essa pandemia, acabou, acabou, não teve mais festividade nenhuma, nem de associação, nem da comunidade.” Respondente-4.

Nenhum dos moradores referiu-se à religiosidade de matriz africana ou afro-brasileira, ausência essa que talvez só possa ser compreendida através de uma memória histórica que parece ter se apagado na comunidade quilombola do Torres. Em um exercício de revisão de aspectos da mesma história, existe a narrativa do pai-de-santo marajoara sobre a perseguição à sua avó pela Igreja Cristã Ocidental que “não permitia que outras formas de fazer religioso se manifestassem em seus territórios de dominação” (PACHECO, 2013, p. 481). O fato é que se trata de um conjunto de religiosidades em simbiose com a natureza, a partir do qual emerge até mesmo um discurso ecologicamente orientado, já que para as religiões afro-brasileiras a ela é um espaço sagrado (GUEDES, 2013). No entanto, tal conjunto foi submetido a processos de camuflagem, disfarce e negação desde o primeiro paradigma “civilizatório” brasileiro, o qual procurou impedir

que os africanos escravizados refizessem suas práticas artísticas e religiosas (CARVALHO, 2005). Como consequência, houve a ruptura de uma identidade com a Terra e com a cultura religiosa original.

Tal ruptura resulta de uma transformação que vem conduzindo a sociedade global a uma condição preocupante de insustentabilidade socioambiental e cultural. Muitas propostas alternativas vêm sugerindo outros modos de vida em contraposição à cultura consumista (ALCOBIA, 2020). A sociedade torna-se reflexiva, confrontando-se com aquilo que criou (JACOBI, 2007; GRANDISOLI *et al.*, 2020). A própria reflexividade em torno da sociedade de risco que se formou é uma consequência sobre a cultura dos padrões comportamentais transformados ao longo da história por elementos culturais, tecnologias de exploração de recursos e/ou produção. Então, têm-se as categorias ecológico-culturais com as quais se trabalhou na comunidade quilombola do Torres, tendo a reflexividade da sociedade global como uma consequência dos intercruzamentos que se poderiam fazer entre elas em âmbito mais abrangente. Desta forma, sugere-se que as mudanças vivenciadas no quilombo integram algo mais amplo, que tem profundas influências naquele universo específico estudado, sendo igualmente um processo ecológico e cultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de todo o impacto que os padrões comportamentais têm causado sobre os elementos culturais, a demonstração de interesse na preservação dos meios naturais para a manutenção da cultura não parece ser prioridade na comunidade do Torres. Os moradores mostram-se desanimados e apontam como principal motivo a falta de interesse dos mais jovens em permanecer no quilombo, já que as decisões políticas que envolvem a comunidade excluem seus modos de vida, colocando ali pessoas externas e com crenças diferentes como líderes. O mais agravante para eles é a falta de uma educação alinhada às suas tradições, o que tem feito com que as crianças não vejam importância nelas e não se envolvam nas principais atividades, apesar de saberem quais são e como praticá-las. A falta de cuidado com a identidade quilombola tem causado êxodo da população mais jovem que sai para estudar e/ou trabalhar e não pretende retornar. Por isso, a carência de uma educação alinhada às práticas tradicionais mostra-se uma das principais preocupações dos moradores.

A aplicação de dois métodos analíticos, no presente trabalho, proporcionou visões que se complementam em torno dos dados coletados. Isso porque a ATD deixou mais evidentes detalhes dos ciclos que associam elementos da cultura aos padrões comportamentais e consequências das mudanças dos comportamentos. Por sua vez, a classificação hierárquica desenhada pelo Iramuteq indicou o que os respondentes enfatizam mais em suas falas. Desta forma, sugere-se o uso integrado das abordagens para caracterizar tanto os padrões comportamentais das comunidades com o meio natural, quanto as principais preocupações que os moradores enfatizam em suas falas. No caso específico desta análise, percebe-se haver uma consciência do desencadeamento dos eventos que degradam a cultura e o meio ambiente que foi impulsionado pelas mesmas necessidades de consumo que afetam o meio, no contexto da globalização e do capitalismo.

Ao mesmo tempo, foi evidenciado haver compreensão, ao menos por parte dos respondentes, de que está faltando protagonismo entre os membros que pertenciam originalmente ao quilombo. Os principais padrões comportamentais, que a ATD indicou, e as preocupações que são numericamente enfatizadas pelo Iramuteq, mostram relações fortes com o rio e a pesca, com os plantios e a subsistência através da terra. No entanto, com a saída da força de trabalho em busca de oportunidades de emprego externo, mesmo a pesca e o plantio perderam sua importância para a maioria. Sendo assim, o que se percebe como algo importante a ser trabalhado na comunidade quilombola do Torres é a revalorização dos elos subjetivos com a natureza, os quais se perderam não só com o capitalismo, mas também com a adaptação que se tornou historicamente necessária a uma cultura religiosa ocidental.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à colaboração dos moradores da comunidade Quilombola do Torres, pelas narrativas e por todo o aprendizado, pela contribuição e a disposição de tornar esse estudo possível. Somos gratos também à Maria Indira Angela Luza Eyzaguirre, quem nos ofereceu suporte para experimentação do *software* Iramuteq.

REFERÊNCIAS

ALCOBIA, Guilherme F. A cultura consumista: da insustentabilidade à alternativa. **Palimpsesto**, 2020. Disponível em: <<https://www.palimpsesto.online/ensaios/a-cultura-consumista-da-insustentabilidade-a-alternativa>>. Acesso em: 14 abr. 2023.

ALMEIDA, Fabio Guaraldo. A dinâmica da paisagem quilombola a partir dos sítios históricos e relações dos afrodescendentes da comunidade de Galeão, na ilha de Tinharé, Bahia: uma abordagem interdisciplinar entre arqueologia, história e etnografia.

Especiaria – Caderno de Ciências Humanas, v. 18, n. 33, p. 43-71, 2018.

AVIZ, Fernanda Regina Silva de; PINHEIRO, Márcio Fernando Duarte. O território usado dos campos naturais em Tracuateua – PA: análise ambiental a partir da territorialidade produtiva e seus possíveis impactos. **Revista Geonorte**, v. 7, n. 1, p. 537-554, 2013.

AVIZ, Fernanda Regina Silva de; PINHEIRO, Márcio Fernando Duarte; MENDONÇA, Marcelo Santos de; MOREIRA, Aninha Melo. Análise ambiental dos campos naturais de Tracuateua – PA: as territorialidades produtivas e seus possíveis impactos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GESTÃO AMBIENTAL, 4., Salvador, 2013. **Anais...** Salvador: IBEAS, 2013. p. 1-6.

AZEVEDO, Paula de Aguiar Silva. **Do barro às panelas de cozer: variabilidade das cerâmicas artesanais na Fazenda do Colégio dos Jesuítas, Campos dos Goytacazes – RJ**. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

BARBOZA-DA-SILVA, Nina Claudia; REGIS, Ana Carolina Delfino; ESQUIBEL, Maria Aparecida; SANTOS, Jaci do Espírito Santo; ALMEIDA, Mara Zélia de. Uso de plantas medicinais na comunidade quilombola da Barra II – Bahia, Brasil. **Boletim Latinoamericano y del Caribe de Plantas Medicinales y Aromáticas**, v. 11, n. 5, p. 435-453, 2012.

BEHLING, Greici Maia. **A rede de tutela da fauna silvestre e a educação ambiental crítica e transformadora: uma interlocução para a desobjetivação dos animais**. Tese (Doutorado em Educação Ambiental) – Instituto de Educação, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2018.

BOYD, Robert; RICHARDSON, Peter. **Culture and the evolutionary process**. Chicago: University of Chicago, 1985.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 17 abr. 2023.

BRASIL. **Decreto n. 4.887, de 20 de novembro de 2003**. 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/d4887.htm>. Acesso em: 17 abr.

2023.

CAMARGO, Brígido Vizeu; JUSTO, Ana Maria. IRAMUTEQ: um software gratuito para análise de dados textuais. **Temas em Psicologia**, v. 21, n. 2, p. 513-518, 2013.

CARMO, Wanderley do; CARMO, Maria das Graças do. Desmatamento, queimadas e ameaça de extinção da flora e fauna na Amazônia brasileira. **Revista Científica do Instituto Ideia**, n. 2, p. 49-62, 2019.

CARVALHO, José Jorge de. **As artes sagradas afro-brasileiras e a preservação da natureza**. Brasília: Universidade de Brasília, 2005. Disponível em: <http://biblioteca.funai.gov.br/media/pdf/Folheto57/FO-CX-57-3674-2007.PDF>. Acesso em: 14 abr. 2023.

CHAVES, Genisson Paes; FURTADO, Lourdes Paes; CARDOSO, Denise Machado; SOUSA, Fagner Freires de. A importância sociocultural do açaí (*Euterpe oleracea* Mart.) na Amazônia brasileira. **Revista Contribuciones a las Ciencias Sociales**, n. 29, 2015. Disponível em: <<http://www.eumed.net/rev/cccss/2015/03/azai.html>>. Acesso em: 10 abr. 2023.

CORRÊA, João José Lopes. **Copal do Brasil: ocorrência e caracterização físico-química da resina jataíca de Santarém**. Dissertação (Mestrado em Recursos Naturais da Amazônia) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém, 2015.

CORRÊA, João José Lopes; ALMEIDA, Thais Elias; SANTOS, Manoel Roberval Pimentel; GIACOMIN, Leandro Lacerda. Assigning a value to standing forest: a historical review of the use and characterization of copal resin in the region of Santarém, Central Amazonia. **Rodriguésia**, v. 73, p. 1-17, 2022.

DIEGUES, Antonio Carlos (Org.). **Os saberes tradicionais e a biodiversidade no Brasil**. São Paulo: COBIO; e NUPAUB/USP, 2000.

DUBOIS, Michel Jean; PENDU, Yvonnick Le; GERARD, Jean-François; SAMPAIO, Elineuza. Adaptação do comportamento animal e mundos emergentes. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 14, n. 3, p. 581-587, 2001.

FARIAS, Rosana Torrinha Silva de; BRITO, Daguiete Maria Chaves. O açaí no contexto do território e da territorialidade na Amazônia brasileira. **Confins – Revista Franco-Brasileira de Geografia**, n. 54, 2022. Disponível em: <https://journals.openedition.org/confins/44303>. Acesso em: 10 abr. 2023.

FERREIRA, Rebeca Campos. O artigo 68 do ADCT/CF-88: identidade e reconhecimento, ação afirmativa ou direito étnico? **Revista de Ciências Sociais**, v. 8, n. 1, p. 1-18, 2010.

FURTADO, Marcella Brasil; PEDROZA, Regina Lúcia Sucupira; ALVES, Cândida Beatriz. Cultura, identidade e subjetividade quilombola: uma leitura a partir da psicologia cultural. **Psicologia & Sociedade**, v. 26, n. 1, p. 106-115, 2014.

GONÇALVES, Regina dos Santos; SANTOS, Silvia Gécica da Conceição dos; BARBALHO, José Ivanilson Silva. Comunidades quilombolas: lutas e resistências. **Revista de Ciências Humanas CAETÉ**, v. 2, n. 3, p. 36-54, 2020.

GRANDISOLI, Edson; SOUZA, Daniele Tubino Pante de; JACOBI, Pedro Roberto; MONTEIRO, Rafael de Araújo Arosa (Orgs.). **Educar para a sustentabilidade: visões de presente e futuro**. São Paulo: IEE-USP: Reconnectta: Editora Na Raiz, 2020.

GRÜN, Mauro. A importância dos lugares na Educação Ambiental. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, v. especial, p. 1-11, 2008.

GUEDES, Lucía Copelotti. “**Porque a natureza é o altar de todos nós**”: uma etnografia sobre as práticas ecológicas das religiões afro-brasileiras na Região Metropolitana de Porto Alegre. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Sociais). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

HARTMANN, Antonio José; MOTA, Junior Cesar. Percepção socioambiental e pertencimento ao lugar em uma escola pública. **Interterritórios – Revista de Educação**, v. 6, n. 10, p. 435-457, 2020.

JACOBI, Pedro Roberto. Educar na sociedade de risco: o desafio de construir alternativas. **Pesquisa em Educação Ambiental**, v. 2, n. 2, p. 49-65, 2007.

MALCHER, Maria Albenize Farias. **Territorialidade Quilombola no Pará: um estudo da comunidade de São Judas, município de Bujaru e da comunidade do Cravo, município de Concórdia do Pará**. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Pará. Belém, 2010.

MELLO, Andréa Hentz de; FEITOSA, Nathália Karolinne. **Dinâmicas da ocupação territorial na Amazônia: reflexões sobre os impactos socioambientais pós-pandemia decorrentes do avanço do desmatamento**. 2020. Disponível em: <https://acoescovid19.unifesspa.edu.br/images/conteudo/Texto_Profa._Andr%C3%A9a_Hentz.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2023.

MIRANDA, Shirley Aparecida de. Dilemas do reconhecimento: a escola quilombola “que vi de perto”. **Revista da ABPN**, v. 8, n. 18, p. 68-89, 2015.

MONTI, Isabela Vicente. Cultura e consumo: uma discussão socioantropológica. **Revista Sem Aspas**, v. 8, n. 2, p. 276-291, 2019.

MORAES-ORNELLAS, Valeria dos Santos. Ecologia e conservação de porcos-do-mato no conhecimento tradicional indígena: uma abordagem da Etnociência na Educação.

Revista Brasileira de Meio Ambiente, v. 8, n. 3, p. 164-175, 2020.

MORAES-ORNELLAS, Valeria dos Santos. Observações sobre abordagens da fauna silvestre na Educação Ambiental crítica e transformadora. **Revista Eletrônica do**

Mestrado em Educação Ambiental, v. 39, n. 3, p. 268-287, 2022.

MUNANGA, Kabengele. Origem e histórico do quilombo na África. **Revista USP**, n. 28, p. 56-63, 1996.

NAHUM, João Santos; OLIVEIRA, Jucilene Belo de. Políticas de Estado para comunidades remanescentes de quilombo na Amazônia Paraense. **Acta Geográfica**, v. 7, n. 14, p. 07-23, 2013.

NAVAS, Rafael; KANIKADAN, Andréa Yumi Sugishta; SANTOS, Kátia Maria Oacheco dos; GARAVELLO, Maria Elisa de Paula Eduardo. Transição alimentar em comunidade quilombola no litoral sul de São Paulo/Brasil. **Revista NERA**, a. 18, n. 27, p. 138-155, 2015.

NEVES, Walter. **Antropologia Ecológica**: um olhar materialista sobre as sociedades humanas. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002

PACHECO, Agenor Sarraf. Religiosidade afroindígena e natureza na Amazônia. **Horizonte**, v. 11, n. 30, p. 476-508, 2013.

PEREIRA, Ana Beatriz da Conceição; MORAES-ORNELLAS, Valeria dos Santos. Levantamento ecológico cultural na comunidade de Jacarequara, Santa Luzia – PA. In: DIAS, Marcelo Pires; FORMIGOSA, Marcos Marques. (Orgs.). **Etnodiversidade: 10 anos de luta por uma Universidade plural**. Altamira: FACETNO, 2022. p. 96-110.

PEREIRA, Maria das Graças da Silva; COELHO-PEREIRA, Márlia. Uso e diversidade de plantas medicinais em uma comunidade quilombola na Amazônia Oriental, Abaetetuba, Pará. **Biota Amazônica**, v. 7, n. 3, p. 57-68, 2017.

PIPERATA, Barbara A. Nutrition status of *ribeirinhos* in Brazil and the nutrition transition. **American Journal of Physical Anthropology**, n. 133, p. 868-878, 2007.

PORTUGUEZ, Anderson Pereira. **Espaço e cultura na religiosidade afro-brasileira**. Ituiutaba – MG: Barlavento, 2015.

REIS, Maria Helena de Aviz dos. “BEJAÇÃO”: patrimônio, fé e gratidão em uma festa afrocatólica na comunidade quilombola de Jurussaca, Tracuateua – PA. **Cadernos do LEPAARQ**, v. 17, n. 34, p. 255-271, 2020.

REIS, Yasmin Maria Sampaio dos; SOARES, Caio Crisley Moura; MADURO, Rúbia; SPINOLA, Jackeline Nóbrega; ROCHA, Bianca Diniz da. O padrão da caça de subsistência em uma Reserva Extrativista na Amazônia Oriental, Brasil. **Revista Etnobiología**, v. 20, n. 1, p. 18-26, 2022.

SAHLINS, Marshall. **Cultura e razão prática**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

SALVIATI, Maria Elisabeth. Manual do aplicativo Iramuteq. **Recuperado Mar**, v. 3, p. 2020, 2017.

SANTOS, Welson A. A. **Ecologia humana e ecologia cultural: um estudo comparativo entre Portugal e Brasil**. 2020. 111 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) - Centro de Biociências, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

SILVA, Eliane Furtado; NAIFF, Rafael Homobono; BARATA, Francisco Diego Barros; SANTOS-JÚNIOR, Lucas Silva; FRANÇA, Pedro Ferreira; CAMPOS, Carlos Eduardo Costa. Abundância sazonal de *Phalacrocorax brasilianus* (Gmelin, 1789) (Aves, Phalacrocoracidae) na porção norte da Bacia Amazônica, Macapá, Amapá, Brasil. **Biota Amazônia**, v. 4, n. 2, p. 64-67, 2014.

STEWART, Julian Haynes. **Theory of culture change: the methodology of multilinear evolution**. Urbana/Chicago: University of Illinois, 1955.

SUTTON, Mark Q.; ANDERSON, Eugene N. **Introduction to cultural ecology**. New York: Routledge, 2020.

VIANA-JUNIOR, Fernando Santa Clara; BRAGA, Lucas Onorato. Paneleiras de Goiabeiras: ofício como herança cultural imaterial Capixaba. **Revista do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo**, n. 2, p. 145-153, 2017.

ZACARDI, Diego Maia; PONTE, Silvana Cristina Silva da; SILVA, Ádria Juliana Sousa da. Caracterização da pesca e perfil dos pescadores artesanais de uma comunidade às margens do rio Tapajós, estado do Pará. **Amazônia: Ciência & Desenvolvimento**, v. 10, n. 19, p. 129-148, 2014.